

## **6. Imagens dos Professores sobre os seus Pares**

A partir dos dois inquéritos feitos a professores procurámos saber que imagens tinham os docentes sobre os seus pares e sobre si próprios. Neste momento debruçar-nos-emos, apenas, sobre as imagens que têm sobre os outros professores para, no ponto seguinte, vermos como se vêem a si próprios.

Os aspectos sobre os quais inquirimos os professores sobre o modo como vêem os seus pares reportam-se às práticas pedagógicas, ao tipo de comunicação estabelecida com os alunos, ao tipo de autoridade exercida, às relações entre professores e alunos na sala de aula, à cultura profissional dos professores e ao que é ser bom professor.

Algumas perguntas foram repetidas nos dois inquéritos feitos aos professores enquanto que outras dizem, apenas, respeito a um deles. Como já referimos, algumas das perguntas colocadas aos professores tinham-no sido previamente aos alunos. É, pois, natural a repetição de alguns temas enquanto outros aparecem pela primeira vez agora, como é o caso das questões colocadas à volta da problemática da cultura profissional dos professores.

Para estas perguntas servimo-nos de uma tipologia de Hargreaves e de outra de Gather-Thurler, como explicitaremos adiante.

Tal como fizemos relativamente às respostas dos alunos, apresentaremos os resultados obtidos através da frequência com que ocorreram seguidas do estudo das variações de opinião segundo o género, a idade e o ciclo de estudos leccionado<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O estudo que fizemos das variações segundo o tempo de serviço não se distanciaram das obtidas segundo a idade pelo que optámos por não as apresentar já que não traziam elementos novos à compreensão da realidade.

## **6.1. Práticas pedagógicas**

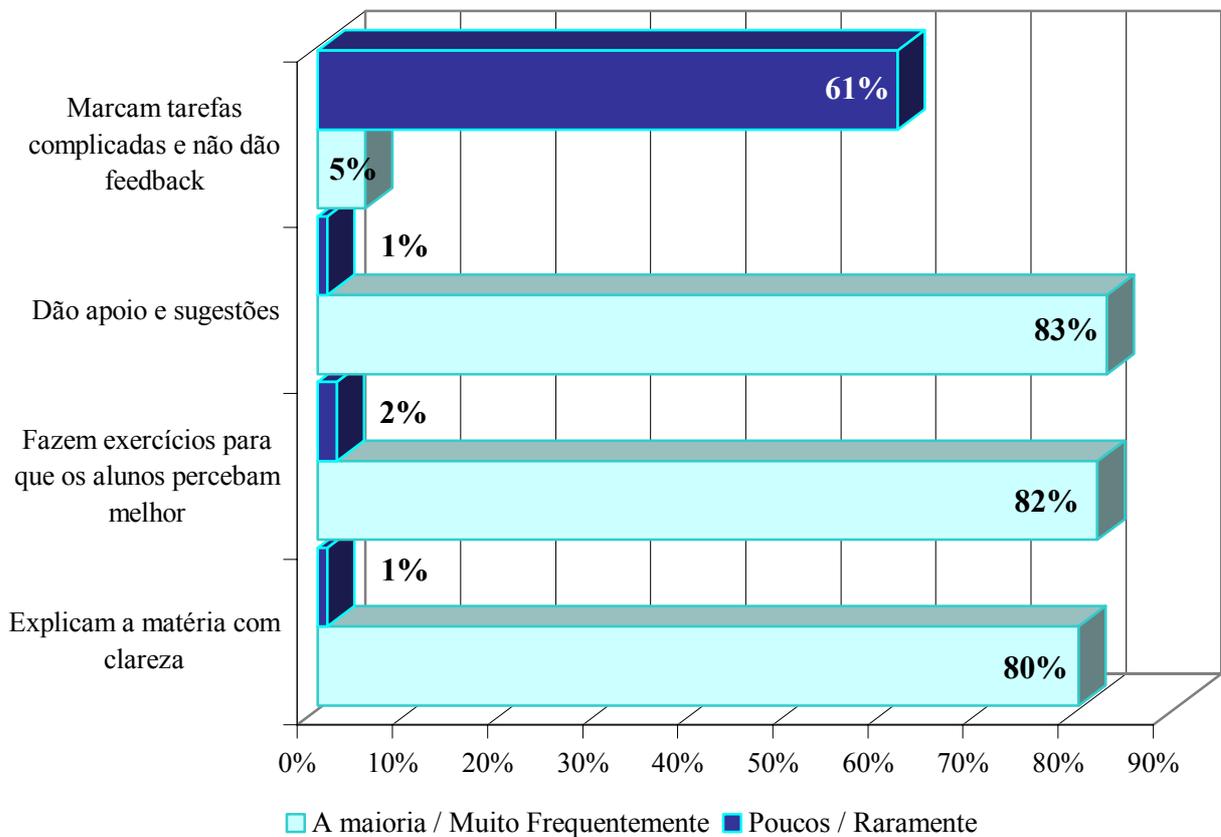
Repetindo questões colocadas aos alunos analisaremos o que os professores consideram a partir de três perspectivas: ensinar, abrir caminhos de auto-aprendizagem e materiais pedagógicos utilizados.

### **6.1.1. Ensinar**

Procuramos conhecer o modo como os professores apreciam o modo de ensinar dos seus pares através de quatro questões – explicar as matérias com clareza, fazer exercícios de apoio à compreensão das matérias dadas, dar apoio e sugestões quando os alunos têm dificuldades e marcar tarefas complicadas sobre as quais não é dado feedback aos alunos; em todas estes aspectos quisemos saber se todos ou a maioria dos professores actuavam num determinado sentido.

#### **6.1.1.1. A frequência das respostas**

Como o gráfico seguinte permite verificar a maioria dos professores assume uma opinião positiva sobre o modo como os seus pares ensinam. Note-se, contudo, que há uma percentagem razoável que assume que alguns professores marcam tarefas complicadas e muitas vezes ou não corrigem ou nas avaliações os alunos não chegam a saber o que fizeram bem e o que fizeram mal.



#### **6.1.1.2.. Variações com o perfil dos respondentes**

Ao contrário do que ocorreu com as perguntas homólogas feitas aos alunos existem muito poucas variações significativas de opinião com as características dos respondentes a atestar o peso da socialização profissional dos professores o que homogeneiza as suas representações do exercício profissional.

A única variação significativa encontrada ocorreu no cruzamento pelo género, relativamente à marcação de tarefas complicadas de que não se dá feedback, sendo os homens quem mais assume que “ nenhuns ” professores actuam desse modo.

Talvez possamos compreender esta homogeneização das respostas e esta imagem muito positiva do professor se tivermos em conta que o professor foi socializado para

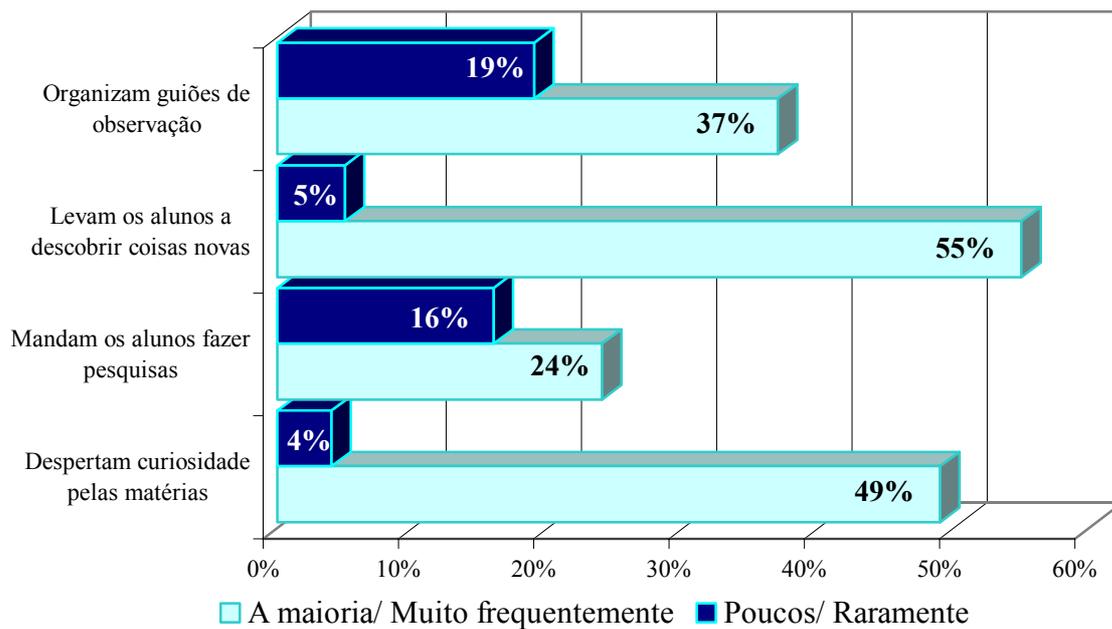
procurar proporcionar um sólido conhecimento do saber (Ben-Peretz, 2001:52) aos seus alunos que se pode traduzir nesta ideia de explicar claramente as matérias, de fazerem exercícios que possam proporcionar uma melhor compreensão e consolidação da matéria, de apoiar de dar sugestões e de dar feedback dos trabalhos realizados.

### **6.1.2. Abrir caminhos de auto-aprendizagem**

Procurámos saber a opinião que os professores tinham sobre os seus pares quanto à prática de abertura de caminhos para a auto-aprendizagem a partir, de novo, dos mesmos quatro aspectos da prática profissional considerados no inquérito aos alunos: despertar curiosidade sobre as matérias dadas, mandar os alunos fazer pesquisas, levar os alunos a descobrir coisas novas através do que já sabiam anteriormente e organizar guiões de observação que permitam aos alunos tomar notas nos passeios ou visitas de estudo tendo em vista construir materiais de informação sobre o que viram.

#### **6.1.2.1. A frequência das respostas**

O gráfico seguinte mostra-nos a distribuição das respostas obtidas.



Como pode verificar-se a opinião sobre a prática de ensinar a aprender parece bem menos frequente do que a prática positiva de ensinar, o que, aliás, se corresponde com a opinião dos alunos. Tal como nesse caso, apenas um dos aspectos considerados, levar os alunos a descobrir coisas novas através do que já sabiam anteriormente, é considerado pela maioria dos nossos respondentes como uma prática seguida pela maioria dos professores.

### 6.1.2.2. Variações com o perfil dos respondentes

De novo nos confrontamos com uma grande homogeneidade de opiniões. Regista-se, apenas, uma variação significativa com o ciclo leccionado, sendo os professores do 2º ciclo quem mais assume, ainda que minoritariamente, que os professores mandam realizar pesquisas, como pode ver-se no quadro seguintes<sup>2</sup>.

	Ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
<b>Os professores mandam realizar pesquisas</b>					

<sup>2</sup> Não existem variações significativas de opinião entre os docentes do 3º ciclo e do ensino secundário (probabilidade observada = 0,98)

Alguns ou poucos	97 70%	71 86%	47 84%	215 78%
A maioria ou todos	41 30%	12 14%	9 16%	62 22%
TOTAL	138 100%	83 100%	56 100%	277 100%

Graus de liberdade = 2

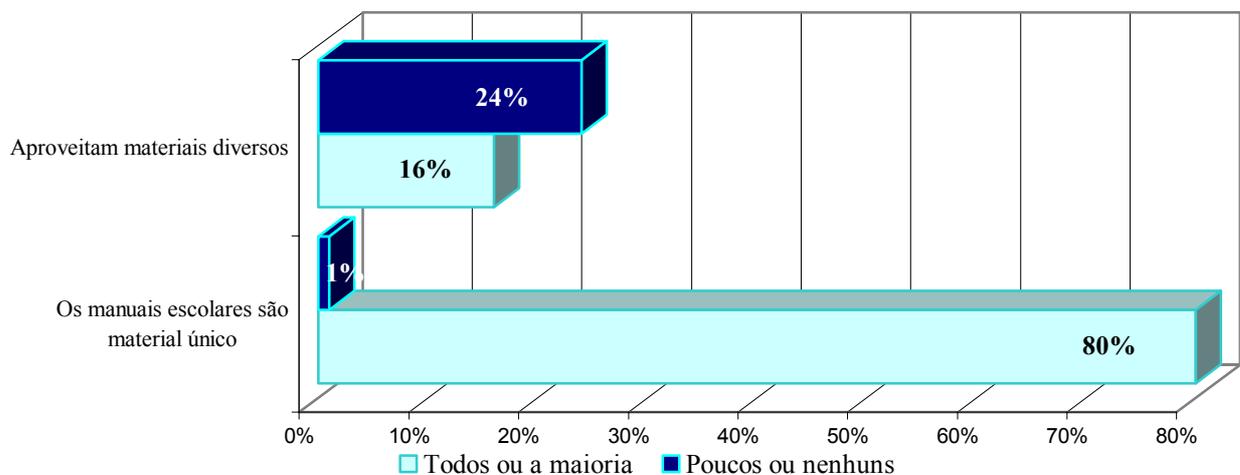
$\chi^2 = 8,55$

Probabilidade observada=0,01

### 6.1.3. Materiais pedagógicos utilizados

Tal como no estudo sobre os alunos procurámos saber a opinião que os professores tinham sobre os materiais utilizados pelos seus pares para dar as matérias novas admitindo uma opção tradicional, servir do manual como único instrumento e/ou aproveitar programas de Televisão, notícias dos jornais ou recurso ao computador ou à Internet.

As respostas obtidas encontram-se no gráfico seguinte:



Como pode verificar-se uma esmagadora maioria assume que os manuais são o único material que a maioria dos professores usa para dar os assuntos novos. Em consonância com esta resposta, apenas 16% dos nossos respondentes admite que a maioria recorra a diversos materiais como base para dar novos temas.

Não se registaram variações significativas com o perfil dos respondentes

## **6.2. Tipo de comunicação estabelecida:**

Procurámos saber que tipo de comunicação se estabelecia entre os professores e os alunos (através de três perguntas, idênticas às formuladas aos alunos) e entre professores

Apresentaremos, de seguida, os resultados obtidos que serão analisados em cada situação.

### **6.2.1. A reacção dos professores ao bom desempenho dos alunos**

Replicamos a questão colocada aos alunos sobre as reacções mais frequentes dos professores em situações de sucesso, de acordo com a proposta pela Escola de Palo Alto, nos seguintes termos:

<b>Hipóteses apresentadas</b>	<b>Tipo de comunicação</b>
Elogia-os dizendo-lhes que sempre soube que eles eram capazes	Conformação
Não faz qualquer referência	Desconfirmação
Acha que os alunos não fazem mais do que a sua obrigação	Rejeição

Analisaremos, de seguida, os resultados obtidos.

Como o gráfico seguinte permite verificar a esmagadora maioria dos nossos respondentes assume ter com os alunos uma atitude de confirmação, elogiando-os sempre que têm sucesso.

Registou-se apenas variação com o género<sup>3</sup>, sendo as mulheres que mais assumem esta posição, como pode ver-se melhor no quadro seguinte

Reacção dos professores aos bons resultados dos alunos	Género	Masculino	Feminino	TOTAL
Elogiam-te dizendo-te que sempre souberam que eras capaz		182 88%	447 96%	629 94%
Não fazem qualquer referência / Acham que não fazes mais do que a tua obrigação		25 12%	18 04%	43 06%
TOTAL		207 100%	465 100%	672 100%

Graus de liberdade = 1

$\chi^2=14,76$

Probabilidade observada=0,00

### **6.2.2. A comunicação na sala de aula**

Como já referimos ao apresentar os resultados do inquérito aos alunos, procuramos saber o modo como os professores viam a comunicação na sala de aula a partir de duas questões de algum modo contraditórias: uma, apontando para um modo de intervenção mais rígido (para participar os alunos têm de pedir a palavra e só podem falar sobre os assuntos que

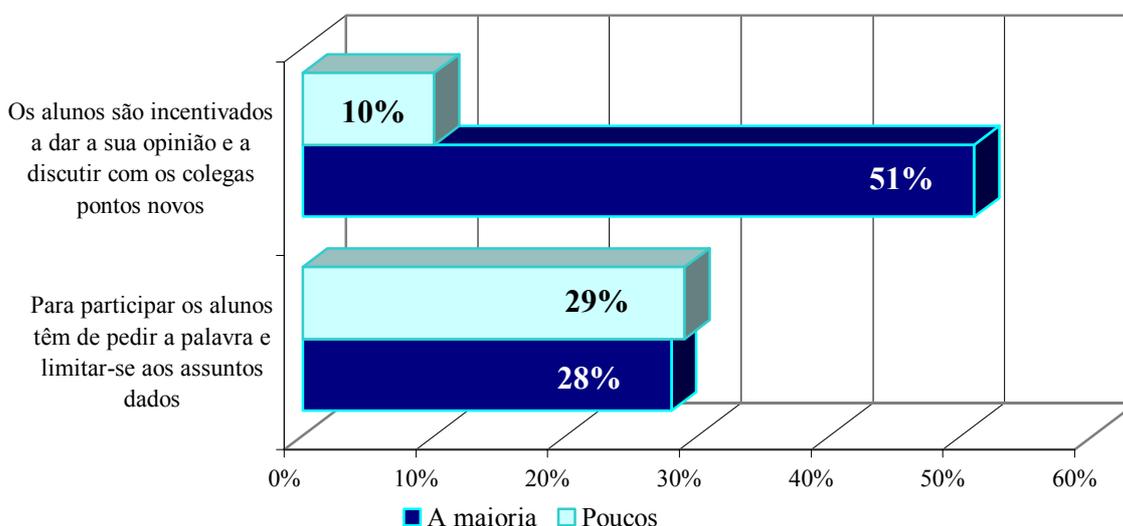
---

<sup>3</sup> Foi necessário adicionar as respostas correspondentes a desconfirmação e rejeição para viabilizar a aplicação do teste do  $\chi^2$

foram explicados) e outra de intervenção participativa (incentivam os alunos a dar a sua opinião e a discutir com os colegas os pontos novos das diferentes disciplinas). São as respostas que obtivemos que serão, de seguida, analisadas.

### 6.2.3. A frequência das respostas

Como o gráfico seguinte permite verificar é baixa a percentagem de professores que considera que a maioria dos seus pares aponta para uma intervenção rígida dos alunos nas aulas; quanto a uma intervenção participativa as respostas são maioritariamente positivas.



### 6.2.4. . Variações com o perfil dos respondentes

Não se registou qualquer variação significativa relativamente ao incentivo dado aos alunos para dar opinião e debater com os colegas pontos novos.

Quanto à intervenção mais rígida regista-se uma variação significativa com a idade dos respondentes que se explicita no quadro seguinte:

Idade	22-35 anos	36-45 anos	46-63 anos	TOTAL
Para intervir os alunos têm de pedir a palavra				

Poucos ou nenhuns professores	29 25%	36 34%	29 28%	94 29%
Alguns professores	63 55%	41 39%	33 32%	137 43%
A maioria ou todos os professores	22 19%	28 27%	41 40%	91 28%
TOTAL	114 100%	105 100%	103 100%	322 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 17,02$

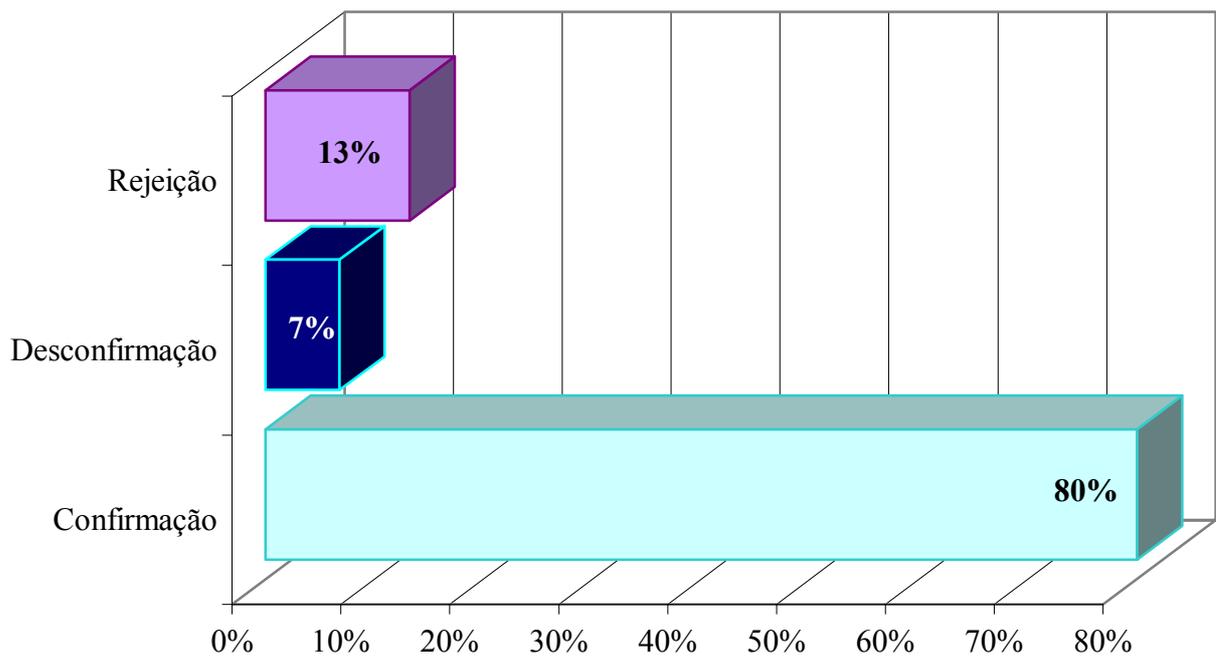
Probabilidade observada=0,00

Como o quadro anterior permite verificar a opinião de que a maioria dos professores exige que os alunos para intervir tenham de pedir a palavra e cingir-se aos assuntos que foram explicados cresce com a idade dos respondentes tornando-se, em termos relativos, maioritária entre os mais velhos.

### **6.2.5. A comunicação entre professores**

Tal como fizemos no estudo da comunicação entre alunos e professores, servindo-nos de mesma tipologia, quisemos saber se nas reuniões de grupo / departamento quando algum professor suscitava dúvidas sobre a forma como o programa estava a ser gerido, os colegas, normalmente o confirmavam, o que traduzimos por “param e discutem o problema até conseguirem chegar a uma solução”, o desconfirmavam, o que correspondia a “fazem de conta que não ouvem e continuam a reunião” ou os rejeitavam, o que se traduziu por lembrar-lhe que “essa foi uma decisão tomada no grupo e que não vai ser alterada.

As respostas que obtivemos encontram-se no gráfico seguinte:



Como o gráfico anterior permite verificar uma muito expressiva maioria dos respondentes assume que, questionados por um colega sobre a gestão do programa, os seus pares o confirmam mas existe ainda uma percentagem não despreciable de rejeição traduzida pela recusa a qualquer alteração.

As opiniões dos professores variam, apenas, com a idade, como pode ver-se no quadro seguinte<sup>4</sup>:

	Idade	24 a 35 anos	36 a 45 anos	46 a 67 anos	TOTAL
Reacção dos professores quando questionada a orientação do grupo	Confirmam	55 80%	105 83%	109 92%	269 86%
	Rejeitam	14 20%	21 17%	10 08%	45 14%
TOTAL		69 100%	126 100%	119 100%	314 100%

Graus de liberdade = 6

$\chi^2=5,96$

Probabilidade observada=0,05

<sup>4</sup> Dada a distribuição das respostas, eliminamos a hipótese “desconfirmação” antes de procedermos ao cruzamento de variáveis

Como era esperável, a rejeição, ainda que sempre minoritária, é mais assumida pelos mais novos. É o grupo dos mais velhos que assume mais expressivamente a opinião de que os professores se dispõem a discutir o problema suscitado até se encontrar uma solução.

Estes resultados confirmam os resultados que obtivemos em 1999, quando inquirimos os professores sobre a imagem da relação comunicacional que se desenvolve entre professores através do estabelecimento de conversas quotidianas sobre assuntos diversos. Os professores que inquirimos então assumiam opiniões homogêneas sobre a relação comunicacional entre colegas afirmando que se sentiam “reconhecidos e confirmados pelos pares” (Borges, 1999:237).

### **6.3. Tipo de autoridade exercida:**

Replicando questões colocadas aos alunos, procuramos saber como é que os professores apreciavam o tipo de autoridade exercida pelos seus pares através de três perguntas. Numa, admitimos três tipos de autoridade em situação de indisciplina, nas outras duas, procurámos saber como viam os comportamentos habituais dos professores na sala de aula. Veremos de seguida as respostas obtidas e as variações de opinião segundo o perfil dos respondentes.

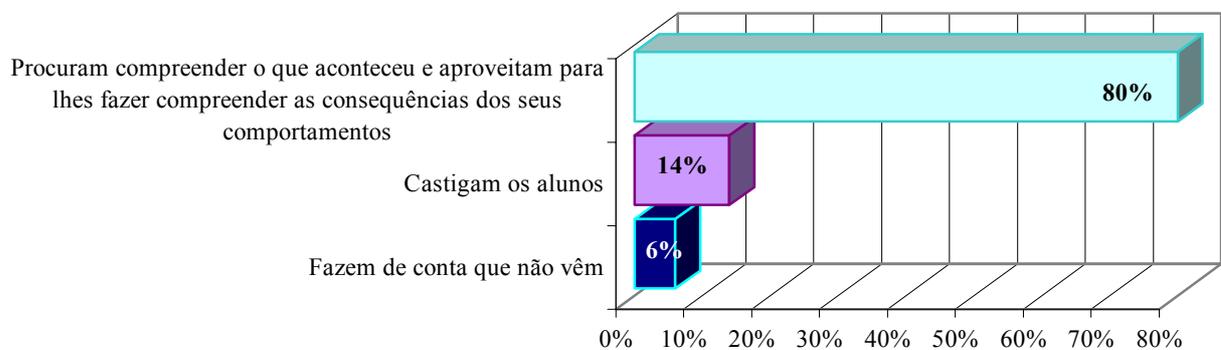
#### **6.3.1. Autoridade exercida em situação de indisciplina**

Como já referimos consideramos três hipóteses alternativas: permissiva (fazem de conta que não vêem), autoritária (castigam os alunos) ou responsabilizante (procuram compreender o que aconteceu e aproveitam para fazer compreender aos alunos as consequências dos seus comportamentos).

Apresentaremos, de seguida, as respostas obtidas e as variações de opinião com o perfil dos respondentes.

### 6.3.1.1. Frequência das respostas

Como o gráfico seguinte permite verificar uma larga maioria dos respondentes considera que os professores habitualmente adoptam uma atitude responsabilizante quando se confrontam com atitudes menos correctas dos alunos.



Comparando este gráfico com o correspondente dos alunos podemos verificar que a ordenação é a mesma só que a opinião dos professores é mais acentuadamente maioritária no que se refere a uma actuação responsabilizante.

### 6.3.1.2. Variações com o perfil dos respondentes

As opiniões dos respondentes não variam com o género nem com o ciclo leccionado; Veremos, de seguida o sentido das variações com a idade.

#### Com a idade

Idade	22-35	36-45	46-67	
-------	-------	-------	-------	--

<b>Autoridade exercida pelos professores em situações de indisciplina</b>	anos	anos	anos	TOTAL
Permissiva: Fazem de conta que não vêm	11 06%	19 08%	23 10%	53 08%
Autoritária: Castigam os alunos	38 20%	37 15%	15 06%	90 14%
Responsabilizante: Procuram compreender o que aconteceu e aproveitam para lhes fazer compreender as consequências dos seus comportamentos	140 74%	186 77%	194 84%	520 78%
TOTAL	189 100%	242 100%	232 100%	663 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 18,62$

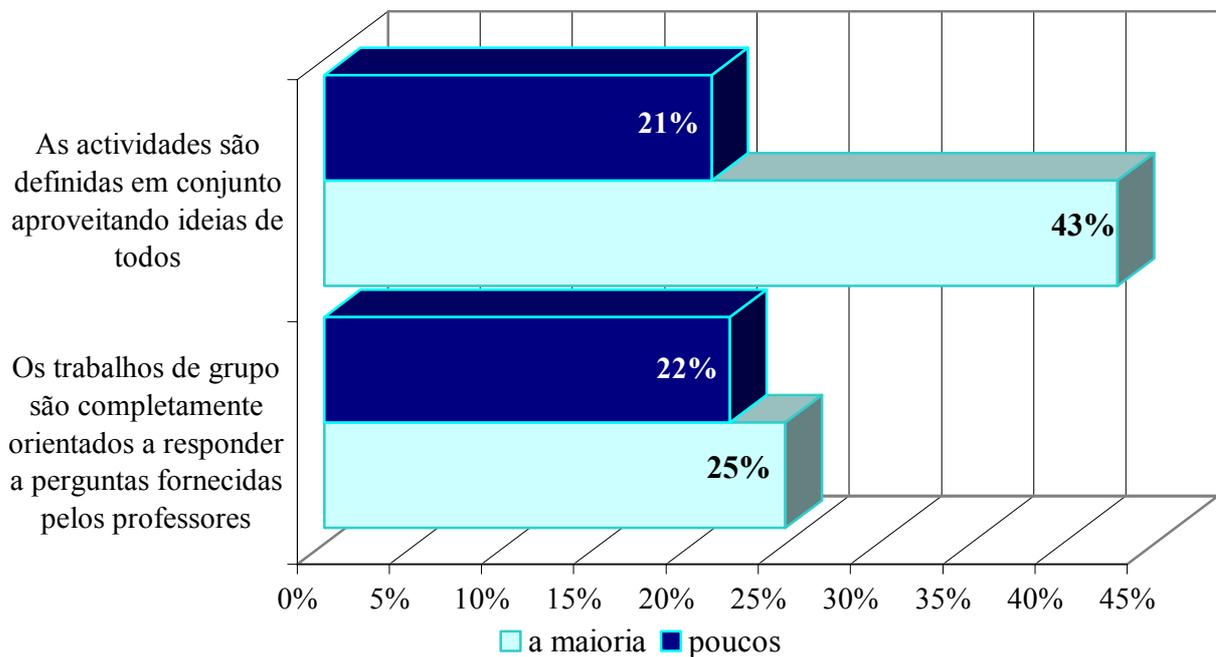
Probabilidade observada=0,00

Como o quadro anterior permite verificar a opinião de que em situações de indisciplina os professores adoptam maioritariamente atitudes responsabilizantes cresce com a idade dos respondentes enquanto que a consideração de que os professores adoptam atitudes autoritárias diminui quando a idade aumenta.

Estas respostas reenviaram-nos para o que dissemos sobre o ciclo de vida dos professores e como em determinados estádios a disciplina, a imposição de normas, de regras, o exercício da autoridade podem ser tão importantes para os professores. Assim as respostas dos nossos inquiridos mais novos estão de acordo com o que, por exemplo, afirma Huberman em relação aos professores que se encontram nos estádios de exploração e de consolidação ou Sikes quando fala na 1ª fase do ciclo de vida dos professores. Estes professores, os mais novos, têm necessidade de exercer um tipo de autoridade que se aproxima mais do que Lewin e Lippit descrevem como uma liderança autocrática, de imporem, manterem a disciplina e de não permitirem a balbúrdia. Os professores mais velhos já estabeleceram a sua autoridade, são por isso mais flexíveis, não têm que provar nada, nem a si em aos outros, pelo que utilizam um estilo de liderança mais democrático.

### **6.3.2. Imposição ou partilha**

Como já referimos procuramos saber a opinião dos professores sobre a actuação dos seus pares em situações que prefiguram alguma imposição (“os trabalhos de grupo que os professores organizam são para responder, apenas, a conjuntos de perguntas que fornecem”) ou que pressupõem partilha de ideias (“as actividades que realizam dentro do Projecto Educativo são definidas em conjunto com os alunos aproveitando ideias de todos”). Veremos de seguida como se distribuíram as respostas:



Como o gráfico anterior permite verificar nenhuma das situações propostas parece ser adoptada pela maioria dos professores, sobressaindo, contudo, a posição que tende para a partilha tal como ocorria entre os alunos, ainda que estes últimos considerem mais do que os professores que existem orientações impositivas.

As respostas obtidas não variam significativamente com nenhuma das características do perfil dos respondentes.

#### **6.4. Tipo de relações entre professores e alunos na sala de aula**

Procurámos saber como os professores viam as relações que os seus pares assumiam com os alunos na sala de aula propondo-lhes três alternativas: relação pessoal próxima, relação profissional e relação pessoal distante.

A relação pessoal próxima exprimia-se na opção “preocupa-se em compreender os problemas dos alunos”, a relação profissional através da hipótese “preocupa-se com os resultados escolares dos alunos” e a relação pessoal distante por “ não se preocupa com os alunos”.

#### **6.4.1. Frequência das respostas**

O gráfico seguinte mostra-nos como se distribuíram as respostas:

Como o quadro anterior permite verificar a maioria dos respondentes considera que os professores têm na sala de aula principalmente uma relação profissional com os alunos, sendo residual a opinião de que os professores não se preocupam com os alunos.

#### **6.4.2. Variações com o perfil dos respondentes**

As opiniões dos professores variam, apenas, com o ciclo de ensino leccionado. A preocupação com os resultados escolares, sempre maioritária, cresce com o ciclo; a preocupação em compreender os problemas dos alunos, que consideramos corresponder a uma relação pessoal, é maior entre os que leccionam o 2º ciclo, como o quadro seguinte permite verificar. Note-se que, quando analisamos as respostas dos alunos pudemos verificar que era essa a sua percepção.

Na sala de aula a maioria dos professores	Ciclo			TOTAL
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Preocupa-se em compreender problemas dos alunos	117 44%	53 33%	50 25%	220 35%
Preocupa-se com resultados escolares	149 56%	110 67%	148 75%	407 65%
TOTAL	266 100%	163 100%	198 100%	627 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2=18,13$

Probabilidade observada=0,00

## 6.5. Cultura profissional

Procurámos, através de diferentes situações que ocorrem na vida das escolas, analisar os tipos de cultura aí existentes. Algumas das questões suscitadas faziam apelo à emissão de opinião sobre o comportamento dos pares e outras ao comportamento do professor que estava a responder ao questionário. Abordaremos agora, apenas, as que se reportam ao comportamento dos colegas professores para, no ponto 6.5. nos debruçarmos sobre as atitudes que os professores assumem tomar eles próprios.

As situações aqui consideradas reportam-se ao modo como os professores trabalham nas escolas e ao modo de funcionamento dos grupos/departamentos curriculares.

A primeira situação segue a tipologia de Hargreaves e a segunda a tipologia de Gather-Thurler - que não difere muito da de Hargreaves salvo na consideração de uma quinta hipótese (a “grande família”) - do seguinte modo:

	<b>No trabalho na escola</b>	<b>No modo de funcionamento dos grupos</b>
<b>Individualismo</b>	Os horários dificultam o trabalho em grupo A preparação das aulas não deixa tempo para trabalho em grupo É mais importante que cada professor trabalhe individualmente	Os professores reúnem por grupos disciplinares mas depois cada um faz o que pensa ser melhor para as suas turmas  As reuniões limitam-se a troca de informações sendo cada um responsável pela planificação das suas aulas.
<b>Colaboração</b>	Nas reuniões as tarefas são divididas  Os professores partilham problemas profissionais e ajudam-se uns aos outros  Os professores trocam ideias e ajudam-se na construção de materiais	Nas reuniões de grupo todos colaboram na procura de soluções para os problemas  Todos colaboram com ideias e sugestões para a construção do Projecto Educativo
<b>Colegialidade artificial</b>	Os conselhos de turma são o único espaço em que os professores discutem e procuram soluções  Discutem-se muitas coisas nas reuniões mas depois cada um faz o que entende  Nas reuniões planificam-se actividades mas os professores concretizam-nas a contragosto	Nas reuniões de Departamento os professores dão sugestões de actividades mas raramente participam em actividades conjuntas.  O grupo planifica a gestão do programa mas os materiais e os testes utilizados são elaborados por cada um
<b>Balkanização</b>	Os professores organizam-se em grupos onde é difícil ser admitido  Os professores trabalham com os colegas do mesmo grupo disciplinar e só com os outros em Conselho de turma  Os professores fazem partes grupos de que leccionam os mesmos níveis de ensino e acham-se melhores do que os outros	Os membros do departamento raramente se encontram porque os professores preferem reunir por grupo disciplinar  Os professores agrupam-se por disciplina e por turno para trocarem ideias, planificarem e discutirem os seus problemas.
<b>Grande família</b>	Não considerado	No grupo todos se dão bem, contam “histórias” acerca dos alunos e partilham problemas familiares  Existe grande preocupação na manutenção de boas relações entre todos e as críticas são, apenas, feitas em conversas particulares entre professores.

Para tratamento das respostas consideraremos a frequência das respostas por cada grupo relativamente a cada pergunta formulada e, depois de construídos os indicadores agregados<sup>5</sup>, estudaremos as variações de opinião segundo o perfil dos respondentes.

<sup>5</sup> Cfr. Alves Pinto e Teixeira (1995) sobre o modo de construção destes indicadores

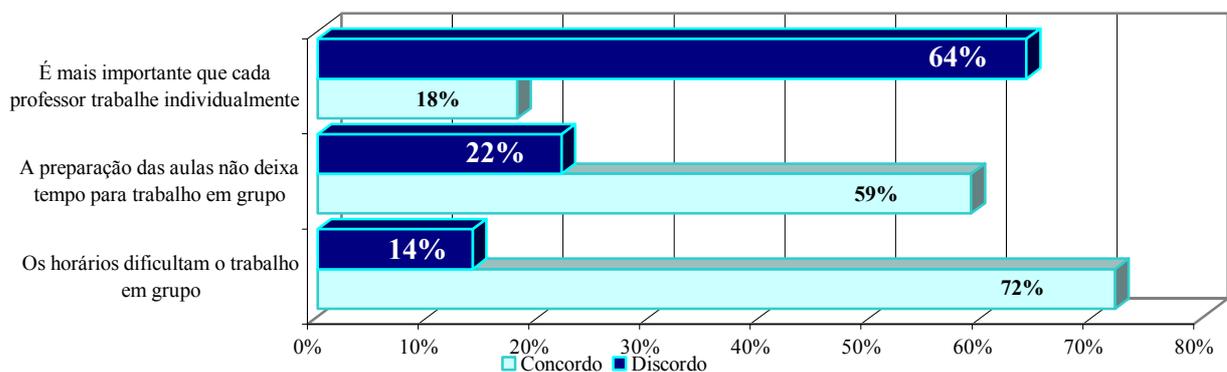
### 6.5.1. . Modo como os professores trabalham nas escolas

Como o quadro acima evidencia, neste âmbito, abordaremos as hipóteses individualismo, colaboração, colegialidade artificial e balcanização.

#### 6.5.1.1. Individualismo

Os professores, por um lado, parecem reconhecer práticas individualistas quando, maioritariamente, assumem que os horários dos professores dificultam o trabalho em grupo entre colegas e que, por causa da pressão feita sobre as escolas relativamente a problemas de insucesso escolar, é necessário passar mais tempo a preparar as aulas o que não deixa tempo para o trabalho entre professores; por outro lado, também maioritariamente, dizem discordar de que seja mais importante o trabalho individual já que o trabalho em grupo faz perder muito tempo. Parece, assim, que o individualismo no exercício profissional é atribuído pelos professores apenas a constrangimentos que lhes são exteriores.

O gráfico seguinte permite-nos apreciar melhor a distribuição das respostas:



Depois de construído o indicador agregado das respostas, como já referimos, fomos estudar a ocorrência de eventuais variações significativas de opinião segundo as variáveis do perfil dos respondentes.

As opiniões variam significativamente, apenas, com o ciclo de ensino leccionado, sendo os professores dos 3º ciclo os que mais assumem concordar com a existência de individualismo nas relações que se estabelecem na escola e os do 2º ciclo quem mais discorda dessa opinião, ainda que, em todos os ciclos a concordância se sobreponha à discordância, como pode ver-se no quadro seguinte:

<b>Individualismo</b>	<b>Ciclo</b>	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
Discordo		23	16	14	53
		22%	18%	10%	16%
Não concordo nem discordo		53	33	81	167
		51%	38%	59%	51%
Concordo		28	39	43	110
		27%	44%	31%	33%
TOTAL		104	88	138	330
		100%	100%	100%	100%

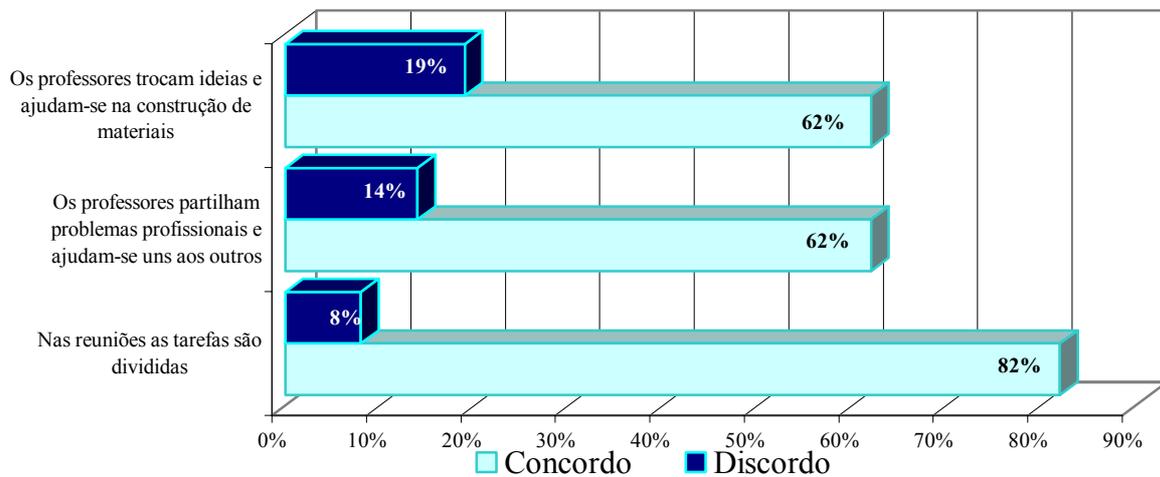
Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 15,06$

Probabilidade observada=0,00

### **6.5.1.2. Colaboração**

Como o gráfico seguinte permite verificar a maioria dos nossos respondentes considera que os professores têm práticas de colaboração, com particular ênfase para a divisão de tarefas no interior do Departamento Curricular / Área Disciplinar.

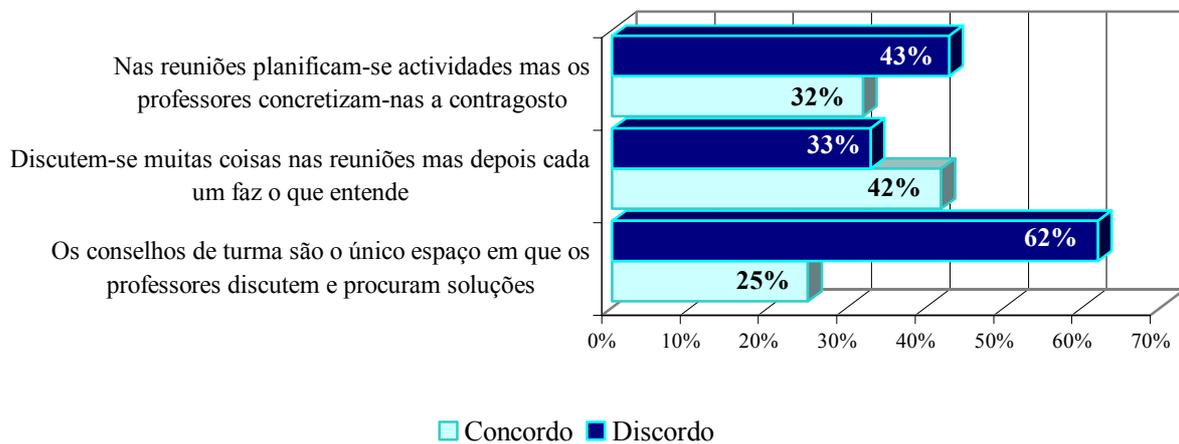


Não se registaram variações significativas de opinião com nenhuma das variáveis do perfil dos respondentes.

Estes resultados vão no sentido oposto ao que afirmam Correia e Matos (2001) quando dizem que os professores se isolam, que sentem que aquilo que estão a fazer não é reconhecido por ninguém. O facto de os professores considerarem que existem práticas de colaboração e de assumirem que entre eles se estabelecem relações comunicacionais de confirmação permite-nos pensar que os professores não têm da profissão uma ideia tão pessimista e tão negativa como aquela que os autores referidos veiculam. Os nossos respondentes dizem o oposto do que afirmam Correia e Matos (2001:163) quando dizem que “no funcionamento do grupo disciplinar importa mais o cumprimento de rituais burocrático-administrativos do que a gestão do currículo ensinado e a sua articulação com o currículo vivenciado pelo aluno (...) contribuí para que a profissão seja subjectivamente vivida em permanente atraso”. Segundo os nossos respondentes embora haja a sujeição a constrangimentos organizacionais e mesmo burocráticos parece haver espaços de colaboração, de troca, de partilha nomeadamente no grupo disciplinar o que prefigura desde logo que eles são espaços que ultrapassam o mero cumprimento de rituais burocrático-administrativos.

### 6.5.1.3. Colegialidade artificial

O gráfico seguinte permite-nos verificar que as opiniões dos respondentes relativamente à existência de uma cultura de colegialidade artificial se encontram bastante divididas; apenas sendo maioritariamente rejeitada a hipótese colocada de serem os conselhos de turma o único espaço onde os professores discutem e procuram soluções para os problemas da turma, o que, isoladamente, não garante nada sobre a existência de espaços mais alargados de debate.

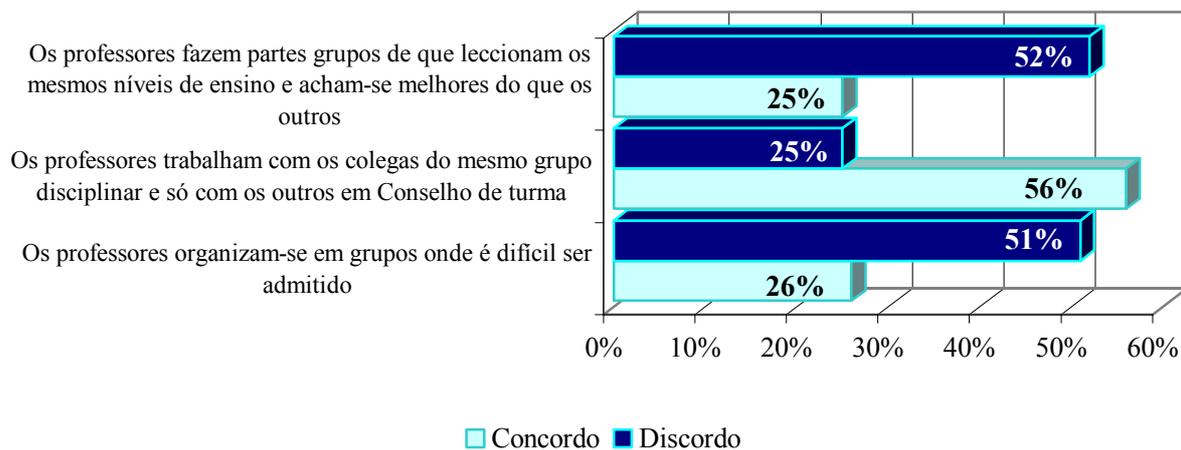


Tal como na situação anterior o estudo da ocorrência de eventuais variações, realizada após a construção do respectivo indicador agregado, evidenciou uma grande homogeneidade de opiniões que não variam com nenhuma das características dos respondentes.

### 6.5.1.4. Balcanização

A maioria dos respondentes assume discordar de que existam grupos estanques onde é difícil entrar e que uns grupos se considerem superiores aos outros; só existe concordância maioritária com o facto de os docentes trabalharem normalmente com os colegas do mesmo grupo e só trabalharem com os restantes no conselho de turma o que, possivelmente está mais

ligado ao modo como a escola se organiza do que a um indicador de balcanização que os professores parecem rejeitar, ainda que não de uma forma muito expressiva, como o gráfico seguinte permite verificar



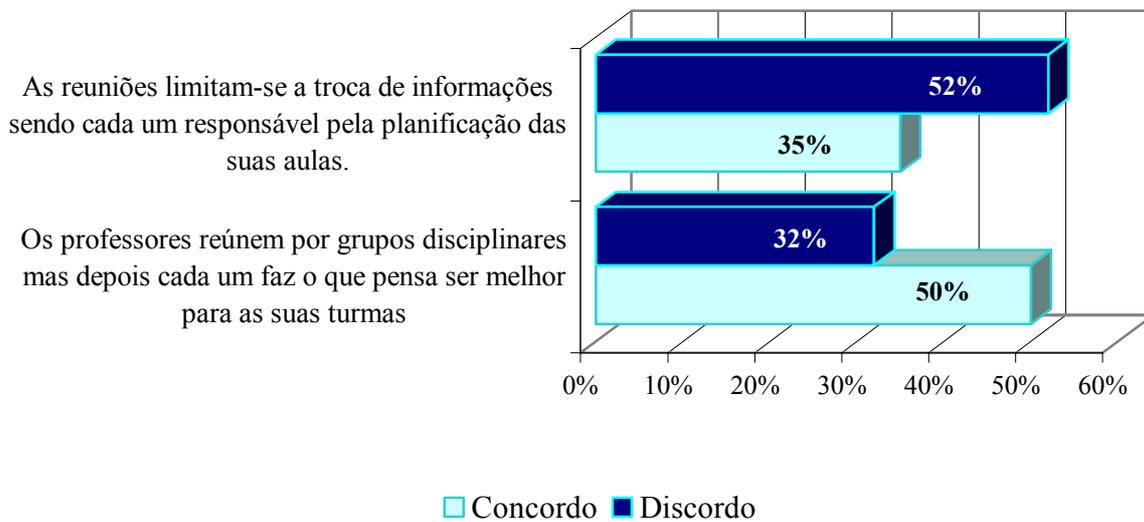
De novo não se registam variações significativas com nenhuma das variáveis do perfil dos respondentes.

### **6.5.2. Modo de funcionamento dos grupos/departamentos curriculares**

Como já referimos, testámos aqui cinco possibilidades, seguindo uma tipologia proposta por Gather-Thurler: individualismo, colaboração, colegialidade artificial, balcanização e grande família.

#### **6.5.2.1. Individualismo**

O gráfico seguinte permite-nos verificar as frequências das respostas obtidas que apontam no sentido de algum individualismo já que metade dos respondentes assume que, embora os professores se reunam em grupo depois cada um faz o que pensa ser melhor.



Construído o Indicador agregado das respostas e procedendo ao devido cruzamento pelas diferentes variáveis do perfil dos respondentes registou-se, apenas, variação significativa de opiniões segundo o género dos respondentes, sendo os homens quem mais discorda da existência de individualismo no modo como os professores trabalham nos departamentos ou grupos.

#### **6.5.2.2. Colaboração**

Tal como verificamos ao estudar as respostas relativamente ao modo de trabalho nas escolas, os nossos respondentes assumem, em maioria expressiva, uma cultura de colaboração ainda que mais forte quando se trata de colaborar na procura de soluções para os problemas do que na construção do Projecto Educativo, como pode ver-se no gráfico seguinte:

As opiniões, apenas, variam significativamente com o ciclo leccionado, diminuindo a opinião favorável à medida que aumente o ciclo de ensino em que os professores trabalham, como pode ver-se no quadro seguinte:

Colaboração	Ciclo			
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	TOTAL
Discordo	8 07%	6 07%	29 21%	43 13%
Não concordo nem discordo	45 42%	41 46%	55 40%	141 42%
Concordo	55 51%	42 47%	54 39%	151 45%
TOTAL	108 100%	89 100%	138 100%	335 100%

Graus de liberdade = 4

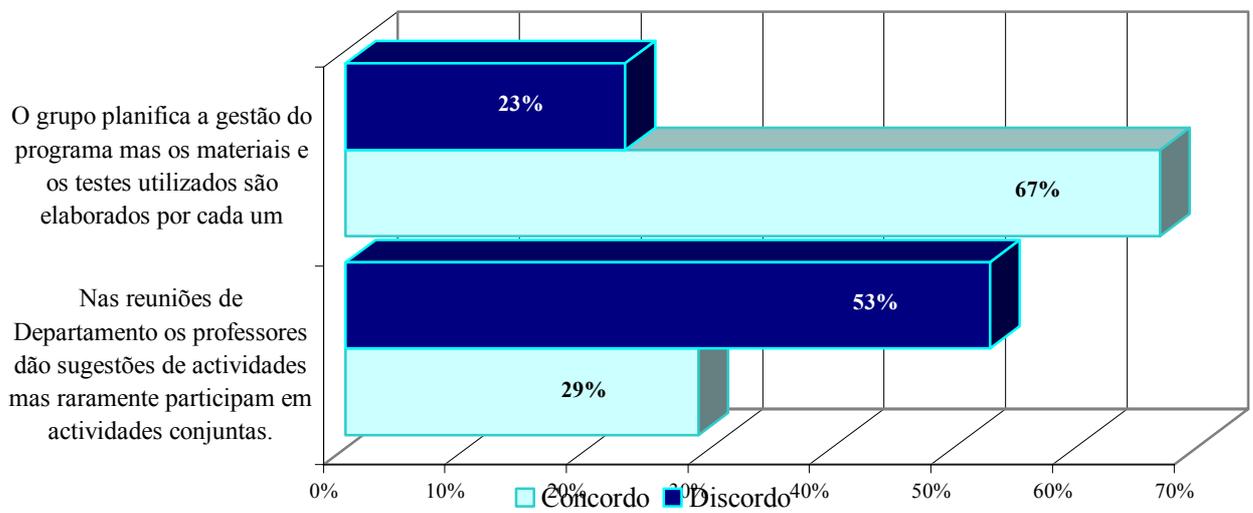
$\chi^2 = 14,74$

Probabilidade observada=0,00

### 6.5.2.3. Colegialidade artificial

Regista-se alguma admissão de uma cultura de colegialidade artificial quando uma expressiva maioria assume a planificação e gestão do programa pelo grupo, o que a legislação estipula, mas apenas uma minoria admite existir colaboração ao nível da construção de materiais.

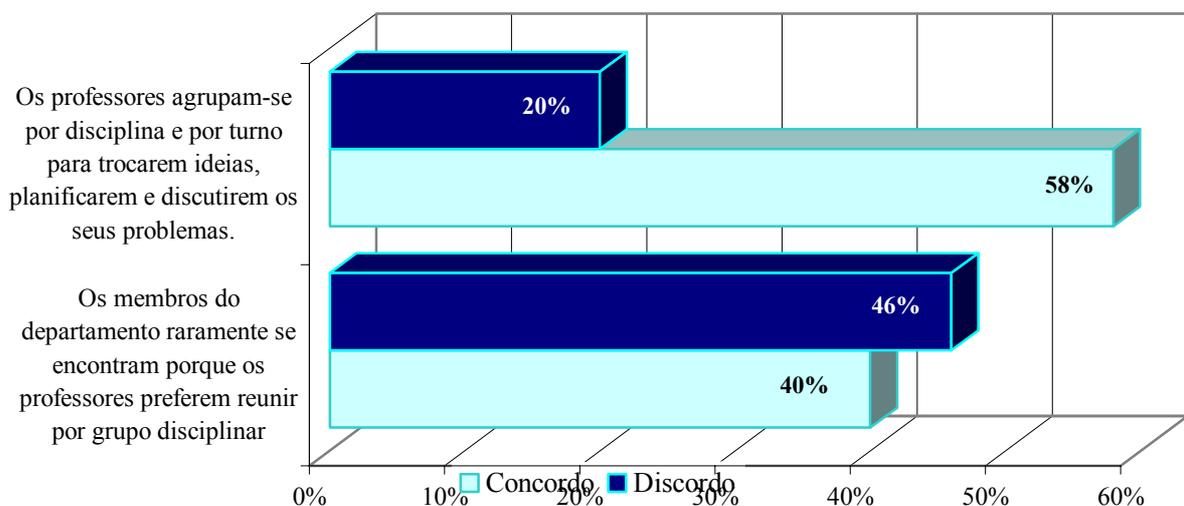
O gráfico seguinte permite-nos verificar as frequências das respostas obtidas:



Não se registaram variações significativas de opinião com nenhuma das características do perfil dos respondentes.

#### 6.5.2.4. Balcanização

O gráfico seguinte permite-nos verificar as frequências das respostas obtidas:

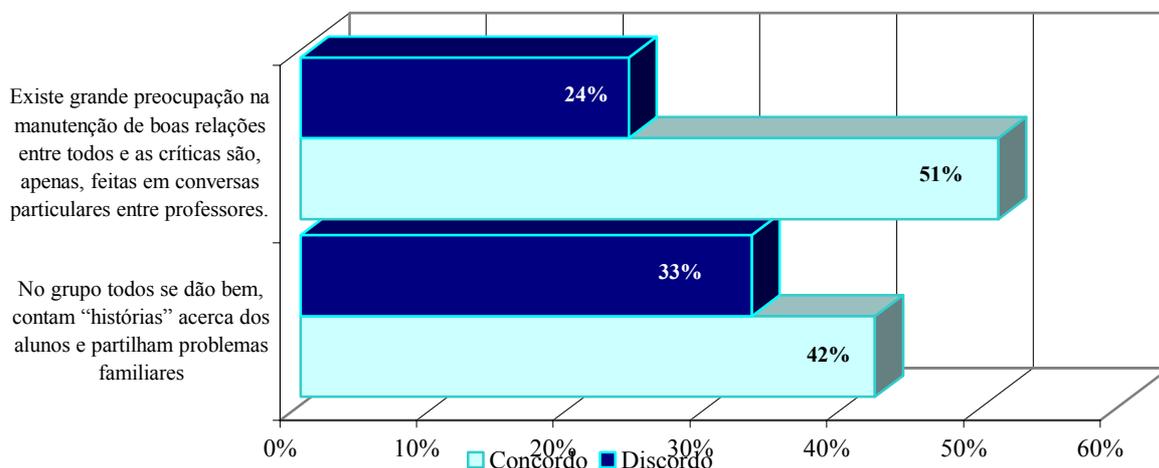


Uma leitura apriorística podia levar-nos a concluir pela assunção de alguma cultura de balcanização em sentido diverso do que vimos ao tratar, anteriormente, o modo como os professores trabalham na escola. Julgamos, contudo, que estas respostas estão muito ligadas ao modo de organização escolar que é favorecedor de balcanização ao apostar nas reuniões de grupo / departamento e pouco em projectos pluridisciplinares.

Não se registaram variações significativas de opinião com o perfil dos respondentes.

#### 6.5.2.5. Grande Família

Como o gráfico seguinte permite verificar o sentido de “grande família” não é muito patente. Note-se, contudo, que a maioria dos respondentes assume a existência de preocupação na manutenção de boas relações o que corresponde à ideia que temos da realidade das nossas escolas.



Não se registaram variações significativas de opinião com nenhuma das características do perfil dos respondentes.

## **6.6. Ser bom professor**

Tal como procedemos com os alunos, procurámos compreender o que era para os professores ser bom professor na perspectiva dos alunos - através de duas perguntas reportadas às qualidades mais apreciadas nos professores e às características menos apreciadas - e pedindo-lhes uma apreciação global sobre o que era, na sua perspectiva, ser bom professor.

Apresentaremos, de seguida, as respostas que obtivemos.

### **6.6.1. As qualidades mais apreciadas nos professores pelos seus alunos (soma)**

Como já referimos ao explicitar a metodologia utilizada, partimos das respostas dadas pelos alunos em pergunta aberta para criar hipóteses de respostas, de entre as quais os professores deviam assinalar o comportamento / qualidade caracterizadora de um professor de quem os alunos gostam<sup>6</sup>

#### **6.6.1.1. A frequência das respostas**

Começaremos por apresentar as respostas completamente discriminadas e agrupadas de acordo com a chave de leitura que já referimos quando tratamos a questão homóloga relativamente às imagens que os alunos têm sobre os professores:

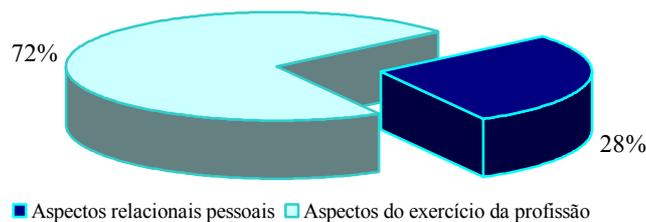
---

<sup>6</sup> Na realidade pedíamos a indicação de dois comportamentos / qualidades, solicitando a sua ordenação. Por economia de texto reportar-nos-emos, apenas, à primeira qualidade escolhida, tal como fizemos na análise às respostas dos alunos.

		Frequência	Percentagem
<b>Aspectos relacionais pessoais</b>	Amigo	84	17%
	Brincalhão	8	2%
	Compreensivo	26	5%
	Divertido	8	2%
	Paciente	6	1%
	Simpático	10	2%
<b>Aspectos do exercício profissional</b>	Assíduo	3	1%
	Bom Profissional	98	19%
	Explica / Ensina bem	140	28%
	Justo	43	9%
	Tem um bom método de ensino	53	11%
	Vocação	25	5%

Como pode verificar-se os professores salientam mais dois aspectos do exercício profissional - Explica / Ensina bem e é Bom Profissional – seguidos de um aspecto relacional: Amigo. Note-se que esta não corresponde à ordenação dos alunos que colocam em primeiro lugar ser simpático.

Agrupadas as respostas segundo as categorias que criámos temos o seguinte gráfico:



Como já se podia antever, a partir das respostas discriminadas, os professores - ao contrário dos alunos - atribuem maior importância aos aspectos do exercício profissional.

### 6.6.1.2. Variações com o perfil dos respondentes

Registaram-se variações de opinião, apenas, com o género e o ciclo leccionado. Ao contrário do que esperávamos não se registam variações significativas com a idade dos respondentes.

Analisaremos de seguida o sentido das variações encontradas.

Com o género, ao contrário do que esperávamos, são os homens que mais assumem que os alunos destacam os aspectos relacionais ainda que homens e mulheres maioritariamente apontem aspectos do exercício profissional

Com o ciclo de ensino leccionado são, como esperávamos, os professores do 2º ciclo os que mais assumem os aspectos relacionais e os do 3º ciclo quem em maior maioria aponta os aspectos do exercício profissional. O quadro seguinte permite analisar com mais detalhe o sentido e dimensão das variações encontradas:

<b>Aspectos mais apreciados pelos alunos</b>	<b>Ciclo</b>			<b>TOTAL</b>
	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	
Aspectos relacionais pessoais	72 34%	28 22%	37 25%	137 28%
Aspectos do exercício profissional	137 66%	100 78%	112 75%	349 72%
<b>TOTAL</b>	209 100%	128 100%	149 100%	486 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 7,40$

Probabilidade observada=0,02

### 6.6.2. As características menos apreciadas (soma)

Partimos, como no caso das qualidades / características mais apreciadas, das respostas dadas pelos alunos em pergunta aberta para criar hipóteses de respostas, de entre as quais os

professores deviam assinalar o comportamento / defeito que relevavam num professor de que os alunos gostam pouco ou nada<sup>7</sup>

#### 6.6.2.1.A frequência das respostas

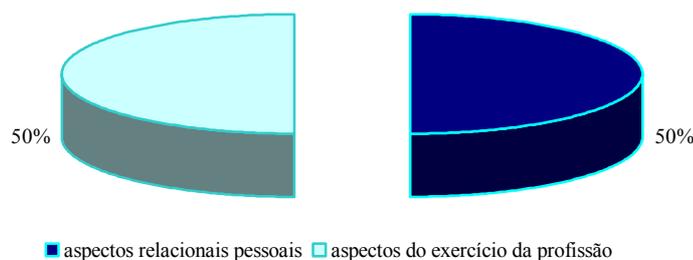
Tal como na situação anterior e tendo-se procedido de modo idêntico apresentaremos, primeiro as respostas discriminadas segundo as duas categorias de análise que escolhemos para depois apresentar essas frequência depois de agrupadas.

Como pode verificar-se no quadro seguinte, os professores respondentes apontaram com maior frequência como comportamentos dos professores de que os alunos não gostam, dois aspectos do exercício profissional - não explicar / não dar aulas correctamente e ser injusto - e um aspecto relacional que aparece muito próximo de um dos apontados com referente ao exercício profissional: tratar desigualmente os alunos.

		Frequência	Percentagem
<b>Aspectos relacionais pessoais</b>	Antipático	61	12%
	Arrogante	56	11%
	Aborrecido	6	1%
	Tratamento desigual dos alunos	72	15%
	Hostil	28	6%
	Relação distante	25	5%
<b>Aspectos do exercício profissional</b>	Atrasado	3	1%
	Exigente	30	6%
	Faltoso	10	2%
	Injusto	69	14%
	Não explicar/ não dar aulas correctamente	106	21%
	Pouco rigoroso na apresentação das matérias	29	6%

<sup>7</sup> Tal como no caso anterior pedimos a indicação, ordenada, de duas características tendo, por economia da apresentação de resultados, analisado apenas o primeiro indicado.

Recodificadas as respostas segundo as categorias estabelecidas podemos ver, como consta do gráfico seguinte, que os aspectos relacionais e os do exercício profissional aparecem com o mesmo peso percentual, ao contrário do que ocorreu com os alunos.



#### **6.6.2.2. Variações com o perfil dos respondentes**

Registou-se, apenas, variação significativa de opiniões com o género dos respondentes. Enquanto a maioria dos homens considera que são características relacionais as mais salientes entre os alunos na apreciação de professores de que não gostam a maioria das mulheres assume maioritariamente aspectos do exercício profissional, o que expressa a mesma tendência que se encontrou na percepção das qualidades mais importantes na definição dos professores de que mais gostam ainda que, agora, de um modo mais extremo.

#### **6.6.3. Ser bom professor: uma perspectiva global**

Tal como para os alunos interessou-nos conhecer a opinião dos professores sobre as imagens do que é ser professor e no caso vertente sobre o que estes entendem ser um bom professor.

Este interesse, como já referimos anteriormente, não resulta do facto de pretendermos traçar um perfil do que é ser bom professor mas da hipótese, que admitimos, de que uma questão aberta formulada nos termos em que o fizemos nos poderia ajudar a melhor

compreender as representações que os professores têm da própria profissão. Nesse sentido colocamos aos nossos respondentes, no primeiro questionário aos professores <sup>8</sup>, uma questão, em que lhes pedíamos que nos descrevessem o que era para si um bom professor.

Para procedermos a uma análise das respostas (300) dadas pelos professores que constituem a nossa amostra tivemos em conta as mesmas categorias que utilizamos para a análise das respostas dos alunos e que se inspiram nas definidas por Abraham (1982:66) e que relembramos:

#### **Aspectos afectivos**

- Professor – amigo/relação próxima
- Professor – encorajador
- Professor – ajuda pessoal /compreensão
- Professor – respeitador

#### **Aspectos profissionais**

- Professor – ajuda escolar
- Professor – conhecedor /detentor do saber
- Professor – gosto de ensinar
- Professor – estimula / cativa
- Professor - que equilibra interesse e prazer

#### **Aspectos comportamentais profissionais**

- Professor – justo
- Professor - equitativo
- Professor – exercício de autoridade

---

<sup>8</sup> Esta questão aparece, apenas, no primeiro questionário destinado aos docentes pois este é o questionário realizado junto dos professores que pertencem às escolas em que os alunos foram inquiridos.

Antes, porém, de entrarmos na explicitação das respostas que obtivemos parece-nos pertinente relevar o facto de, quando iniciamos esta análise, termos a expectativa de que as respostas dos nossos inquiridos pudessem ter a amplitude do espectro definido pela Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei nº 46/86 –que define no seu artigo 36º ponto 2 que o docente exerce as suas funções, “individualmente ou em grupo, na instituição educativa, no plano da educação e do ensino e da prestação de outros serviços à comunidade”. Isto é, a nossa expectativa passava pelo facto de os professores entenderem o exercício da profissão de um bom professor como abrangendo não apenas o trabalho realizado com os alunos mas também o trabalho que desenvolvem na relação com os seus pares, com os órgão de direcção e gestão, com os restantes intervenientes do processo educativo – os funcionários, os pais e a restante comunidade.

Surpreendentemente os professores por nós inquiridos centram-se na relação com os alunos havendo, apenas, uma professora que refere a necessidade de o bom professor ter contacto com os pais (46 anos, 2º ciclo). E este facto é para nós surpreendente dado que, tal como Postic (2007: 126) afirma, os professores já não estão hoje apenas confinados ao contacto com os alunos na sala de aula, hoje eles estão obrigados a desenvolver um conjunto de interações com os outros parceiros por força dos diferentes projectos, de escola ou de turma, que têm de desenvolver o que pressupõe desde logo uma negociação com pares, pais, funcionários entre outros. Além disso, como refere Teixeira (1993:196) a sociedade entrega aos professores o mandato de formar cidadãos e a Lei de Bases, no seu artigo 2º ponto 4, claramente aponta para o facto de o sistema educativo responder “às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários”. Talvez que este mandato assumido e interiorizado pelos professores

como sendo o objectivo fundamental da sua profissão os faça ter uma especial concentração nos seus alunos até porque, como afirmam, um bom professor é aquele que “cumpre os seus deveres e se preocupa com o desenvolvimento global e harmonioso dos seus alunos “ (30 anos, 2º ciclo), que “orienta os alunos de modo a crescerem como um todo e de forma harmoniosa de modo a integrar-se o melhor possível na sociedade como cidadão capaz, saudável e autónomo” (41 anos, 3º ciclo e secundário) ou que “ajuda a ‘desenvolver’ o aluno na globalidade preparando-o para exercer a cidadania” (47 anos, 3º ciclo). O bom professor é ainda o que “tem plena consciência de que a sua função não se circunscreve apenas ao dever de contribuir para o desenvolvimento científico e técnico do aluno mas tem a obrigação de veicular valores e normas fundamentais que permitam a inserção total do aluno na sociedade” (40 anos, secundário). Enfim, o bom professor é, também, o que contribui “para a formação do aluno como cidadão” (52 anos, secundário) ajudando os alunos a “crescer harmoniosamente e a prepararem-se para a vida” (56 anos , secundário).

Vejamos, agora, o que os professores por nós inquiridos entendem que é um bom professor tendo em conta as categorias por nós definidas. Assim e no que respeita aos **aspectos afectivos** e especificamente à categoria *professor – amigo/relação próxima* podemos afirmar que este é um aspecto que perpassa pela quase totalidade dos textos produzidos pelos nossos respondentes independentemente da idade e do ciclo de ensino em que leccionam.

E como exemplo do que dissemos temos os respondentes para quem o bom professor é aquele que é simplesmente um “amigo” (22 anos, 2º ciclo; 36 anos 2º e 3º ciclos; 56 anos, secundário.), ou os que afirmam que ele, para além de amigo, “está sempre ao dispor” (40 anos, 2º ciclo) e partilha “com generosidade o saber e as experiências de vida acumuladas”

(50 anos, 3º ciclo), ajudando, portanto, “os seus alunos a ‘crescer’” (60 anos, 2º ciclo) não apenas como aprendentes mas também como pessoas.

Para outros o bom professor é um companheiro (27anos, 2º ciclo), empático (52anos, 2º ciclo) que exige o melhor de cada aluno (36anos, 2º ciclo). Esta capacidade de conseguir que cada um dê o seu melhor acontece também porque o bom professor é alguém a que os alunos poder “recorrer sempre que achem necessário” (46 anos, 3º ciclo) e que, portanto, está “disponível para atender os alunos sempre que eles necessitam” (55 anos, 2º e 3ºciclos), sabendo “ouvir as dificuldades e as opiniões pessoais dos alunos” (41 anos, 2º e 3º ciclos) e que se preocupa com conhecer do aluno e ajudá-lo a enriquecer pessoalmente (33 anos, 3º ciclo e secundário). Como nos dizia um professor do secundário “ por trás de qualquer aprendizagem é muito importante [que exista] a presença da afectividade “ (42 anos); então o bom professor pode, também, ser visto como “uma mãe ou um pai” (48 anos, 2º ciclo) ou pelo menos é um “bom amigo que pode mesmo funcionar como um substituto de um bom pai” (39 anos, 3º ciclo).

Podemos, ainda, dizer que os aspectos afectivos estão ligados a perspectivas profissionais, muito presentes na mente dos nossos respondentes: um bom professor é aquele que “sabe construir e manter uma boa relação pedagógica” (36 anos, 2º ciclo), que se “mantém dentro ou fora da sala de aula” (35 anos, 2º ciclo). O bom professor é, para alguns, o que se “preocupa não só em ensinar mas também com o manter de uma boa relação com os alunos” (29anos, 2º ciclo), que sabe “criar uma real relação de empatia entre professor e aluno que permite que o ensino/aprendizagem se torne uma situação de cumplicidade” (57 anos, 2º ciclo), que ajuda na “aquisição de novos conhecimentos e atitudes, que nunca se esquece que a sua missão primordial é o desenvolvimento cognitivo dos alunos” (31 anos, 3º ciclo). Além desta preocupação com a aprendizagem com os conhecimentos, com o desenvolvimento cognitivo o bom professor é aquele que sabe “dar-se, aprender com eles, fazê-los crescer em

toda a plenitude” (50 anos 2ª ciclo), está “disposto a aprender com eles” (32 anos, 3º ciclo; 24 anos, 2º ciclo). Por outro lado é um “bom ouvinte “(37 anos, 2º e 3º ciclos) e um” bom comunicador que consegue ‘chegar perto’ dos alunos sendo por isso capaz de os ouvir, compreender e ajudar” (47 anos, secundário; 50 anos, 2º ciclo; 52 anos, 2º ciclo).

Poderíamos resumir as opiniões dos nossos respondentes quanto ao facto de o bom professor ser aquele que é um amigo e tem ou desenvolve uma relação próxima usando a expressão de um professor de 40 anos que lecciona os 2º e 3º ciclos que nos diz que é aquele que “sabe educar e sorrir” ou de um outro professor, que tem 31 anos e que lecciona o 3º ciclo, para quem um bom professor é “um bom profissional com uma faceta humana importante” ou a de um outro professor, também do 3º ciclo, que nos diz que é “um bom pedagogo mas acima de tudo um grande humanista “(45 anos) ou, ainda, com um professor de 53 anos, do 2º ciclo, para quem o bom professor “ensina com o coração e ajuda a ‘voar”.

O segundo aspecto que enquadrámos na grande categoria aspectos afectivos é aquele que nos dá a imagem do *Professor – encorajador*.

Esta faceta do bom professor é sobretudo visível, na expressão de um professor do 3º ciclo, quando o professor é “capaz de ajudar os alunos a aprender porque desenvolve, cria nos alunos a vontade e a necessidade de aprenderem” (40 anos). Necessidade esta que terá de ser alimentada, acompanhada porque a aprendizagem não é fácil e por isso um bom professor é aquele que é um “bom ‘companheiro’ no ‘doloroso’ percurso das aprendizagens de um aluno” (39 anos, 3º ciclo). Enfim ele é a “luz que ilumina o caminho” (25 anos, 3º ciclo) conseguindo através da reflexão, da avaliação dos percursos percorridos e das estratégias utilizadas “criar um bom ambiente de trabalho” (23 anos, 2º ciclo).

O professor encorajador é um “modelo a seguir” (40 anos, 3º ciclo), um “guia atento, observador e presente” (34 anos, 3º ciclo). Informador e informado, receptor compreensivo, exigente consigo próprio e mais tolerante com o erro” (59 anos, secundário). Ele é aquele que os alunos sabem estar ali para tentar fazer “o impossível para tornar tudo possível” (29 anos 3º ciclo e secundário).

Uma outra faceta parece emergir deste bom professor que é amigo, tem uma relação próxima com os alunos e sabe encorajá-los a aprender a ter sede de conhecimento. É o que definimos como o terceiro aspecto afectivo: o *professor – ajuda pessoal /compreensão*.

Embora nas respostas dadas pelos professores relativamente às características que os alunos apreciam nos docentes de que gostam a compreensão tenha tido uma expressão pouco relevante, é interessante verificar que os nossos respondentes ao expressarem o que é para eles um bom professor, relevam esta característica, que pode integrar-se de alguma forma na faceta professor amigo/relação pessoal. O ser amigo pode ser expresso pela capacidade de compreender os outros o que um conjunto apreciável dos nossos respondentes aponta como um aspecto importante para a definição do bom professor.

O bom professor ajuda pessoal/compreensão é também o “confidente nas dificuldades” (51 anos, 2º ciclo) até porque se “interessa pelos problemas dos alunos” (33 anos, 3º ciclo) , se preocupa com eles e está “sempre disponível quando é necessário” (53anos, 2º ciclo). O bom professor tem também, na perspectiva de alguns dos nossos respondentes, uma enorme capacidade de compreensão o que lhe permite mesmo compreender “certos pontos de vista” (51 anos 2º ciclo), certas “atitudes/comportamentos que por vezes podem ser incompreensíveis” (47anos 3º ciclo) ou mesmo desviantes (35 anos 3º ciclo).

A capacidade de compreender os alunos passa também por “nunca esquecer que também já foi aluno” (52 anos, 2º ciclo), ser capaz de “acima de tudo se colocar no lugar deles e voltar a ser pequeno, ‘com a mesma idade’” (24 anos, 2º ciclo); se tal acontecer então “tudo poderá encaixar melhor e os resultados serem mais positivos” (27 anos, 2º e 3º ciclos). E aqui mais uma vez vemos os aspectos profissionais aparecem articulados com os aspectos afectivos.

Na verdade, embora falemos da faceta ajuda pessoal / compreensão encontrá-la-emos muitas vezes mesclada com a preocupação do profissional pelo sucesso dos seus alunos. Sucesso pessoal e sucesso escolar aparecem-nos de mãos dadas tal como nos diz um professor do 3º ciclo quando afirma que um bom professor é aquele que “compreende os alunos, os ensina e os acompanha nas suas necessidades” (41 anos) ou um outro, do 2º ciclo, para quem um bom professor é o que “compreende e conhece bem os alunos para poder corresponder melhor às suas necessidades curriculares e afectivas” (29anos).

Enfim, o bom professor é o que “compreende e aceita individualmente cada aluno” (57 anos, secundário) o que nos permite dizer que mais uma vez estas quatro facetas nos parecem interligadas pois esta afirmação nos reenvia de imediato para o facto de o bom professor ser aquele que é ainda *professor – respeitador*.

Respeitar e ser respeitado, tolerar e ser tolerante são, para muitos dos nossos inquiridos facetas importantes da relação que estabelecem com os alunos.

A confirmar esta afirmação encontramos professores que nos dizem que o bom professor:

“respeita as diferenças”(43anos, 3º ciclo);

“reconhece o aluno como pessoa única” 36 anos, 2º e 3º ciclos);

“trata o aluno como gostaria que o tratassem estando na posição do aluno” (38 anos, 2º ciclo);

“respeita os alunos e dá-se ao respeito, criando um bom clima na sala de aula”  
(43anos, 3º ciclo);

“respeita os alunos a nível pessoal e escolar” (25 anos, secundário)

“transmite conhecimento com respeito e de acordo com os interesses e níveis etários dos alunos” (36 anos 2º ciclo).

Mas o bom professor respeita não apenas os alunos, ele “respeita as normas internas e externas” sem nunca perder de vista “as necessidades dos alunos” (38anos, 2º ciclo), é “digno em comportamento” (55 anos, 3º ciclo) e “aprende a transmitir e a receber saberes e valores humanos com os alunos” (40 anos, 2º ciclo).

Se recuarmos até à apresentação dos resultados das respostas relativas às qualidades que os professores julgam que os alunos preferem podemos verificar que, embora os professores tenham atribuído alguma importância (28%) aos aspectos afectivos, deram uma muito maior importância (72%) aos aspectos profissionais. Talvez por isso mesmo o que nos foi possível observar nesta questão quando analisamos os aspectos afectivos é que eles estão na maioria das vezes, de alguma forma, associados aos aspectos que se prendem com o exercício da profissão pelo que poderemos dizer que a imagem que os docentes que inquirimos têm do que é ser bom professor é a de alguém que, como ser de relação, tem preocupações que extravasam o âmbito do mundo afectivo pelo que será “25% autoridade, 25% razão, 25% saber, 25% coração” (49 anos, 3º ciclo), isto é, o professor é aquele que equilibra os aspectos afectivos com os **aspectos profissionais** que iremos de seguida analisar.

A primeira faceta que analisaremos dos aspectos profissionais é aquela que nos apresenta o *professor – ajuda escolar*.

Alguns dos professores que inquirimos entendem que um bom professor desenvolve uma importante tarefa junto dos alunos quando os “ajuda a perceberem a matéria” (27 anos, 2º ciclo) ou que “esclarece bem as dúvidas” (45 anos, 3º ciclo).

É, ainda, ajuda escolar o que “explica a matéria de forma clara e está disponível para esclarecer as dúvidas dos alunos (mesmo que estas saiam fora do âmbito da sala de aula)” (31 anos, 2º e 3º ciclos) e ensina as “matérias de forma compreensível e adequada às idades dos alunos” (33 anos, 3º ciclo), sendo capaz de “responder às necessidades de cada aluno no momento mais oportuno” (31 anos, 2º ciclo) ou de compreender “as dificuldades escolares/extra escolares dos alunos tentando na medida do possível resolvê-las” (37 anos, 3º ciclo).

Não podemos deixar de relevar o facto de associado à capacidade e à disponibilidade para ajudar os alunos nos aspectos de compreensão e apreensão das matérias leccionadas estar o aspecto compreensão que nos aparece, sobretudo, ao nível dos aspectos afectivos. Talvez esta associação nos possa, mais uma vez, ajudar a compreender como os professores que inquirimos não dissociam ou dissociam mal os aspectos afectivos dos aspectos profissionais entendendo que o bom professor é aquele que “educa e acompanha” (36 anos, 3º ciclo), o que é capaz de “criar uma enorme cumplicidade com o aluno em todo o processo de ensino/aprendizagem, ajudando-o a evoluir e a descobrir novas formas de aprendizagem e a ser bem sucedido a diferentes níveis” (46 anos, secundário). Esta capacidade de ajuda concretiza-se, assim, na conjugação dos dois aspectos - afectivos e profissionais -, o que nos leva a dizer que a imagem que os professores têm de um bom professor é a imagem de alguém que consegue equilibrar e dosear ambos por forma a conseguir dar resposta aos anseios e desejos dos seus alunos.

Para muitos, o bom professor terá de ser alguém que “organiza o trabalho de forma equilibrada” (43 anos, 3º ciclo), que se “empenha nas actividades escolares” (33 anos, 2º e 3º ciclos), que se “preocupa com o sucesso dos alunos” (29 anos, 2º ciclo) mas que é, sobretudo, um *professor – conhecedor /detentor do saber*.

E estamos provavelmente na faceta que, na perspectiva dos professores que inquirimos, toca o coração da definição de um profissional: o professor que não se preocupa, apenas, com “preparar bem sempre as suas aulas” (45 anos , 3º ciclo), mas que está “bem preparado” (51anos, 2º ciclo) para exercer a profissão; que é um “profissional” (53 anos, 2º ciclo), “competente” (39 anos, 3ºciclo).

Estamos aqui a abordar as decisões do foro profissional e até do foro pessoal, o que nos conduz à chamada faceta A de acção de que fala Nóvoa (1992, 16). É, talvez, aqui que seremos capazes de encontrar a verbalização de alguns dos papéis referidos por Blin (2001), Lautier (2001), Martineau (2005), Harden e Crosby (2000), entre outros.

Não podemos deixar de explicitar que a análise que fizemos das respostas que obtivemos foi influenciada por tudo o que mencionamos no capítulo anterior relativamente às práticas dos professores. Por isso mesmo entendemos analisar as respostas sobre o que é ser um bom professor conhecedor/detentor do saber tendo em conta cinco grandes áreas : a do profissional detentor do saber específico, a da busca incessante de formação, a dos métodos e práticas, as dos papéis de transmissor e a de educador.

Assim no primeiro aspecto, o do “detentor do conhecimento específico” de profissional, os nossos respondentes não se confinaram ao saber científico adquirido em instituições de ensino superior; para eles os conhecimentos pedagógicos e didácticos são também importantes por serem, talvez, aqueles que os distinguem de outros profissionais que possuem os mesmos conhecimentos científicos.

A forma como os utilizam e põem a render nas suas aulas é também uma preocupação pois não chega ter os conhecimentos, é necessário fazer uso destes da forma mais correcta como podemos observar através das respostas que recolhemos e que apresentamos de seguida.

Apresentamos, no quadro seguinte algumas das respostas que vão neste sentido:

<b>O detentor do conhecimento específico do profissional</b>		
	<b>Idade</b>	<b>Ciclo</b>
Conhecedor da matéria que lecciona	52	2º
Bons conhecimentos científicos e pedagógicos	26	Secundário
Competente a nível científico, pedagógico e didáctico	55	3º
Pessoa científica, pedagógica e didacticamente bem preparada	51	2º
Preocupa-se em leccionar as matérias de forma correcta (sem cometer erros científicos)	25	2º

Mas se deter o conhecimento específico do profissional é algo que distingue o bom professor, um outro aspecto se interliga directamente com este e que é o da “busca incessante de formação” pois o conhecimento avança e é necessário que o profissional esteja sempre actualizado ou corre o risco de se tornar obsoleto o que o impediria de ser um bom professor.

Assim um bom professor conhecedor/detentor do saber é aquele que está empenhado na busca incessante de formação

<b>Busca incessante de Formação</b>		
	<b>Idade</b>	<b>Ciclo</b>
Esforça-se por estar actualizado	37	2º
Mantém-se informado, investindo na sua formação pessoal e profissional	46	3º
Não dá a sua formação por terminada mas continua um processo de construção através da partilha de experiências, formação contínua e através dos seus alunos que o desafiam como profissional e como pessoa todos os dias	42	2º
Procura informação, pesquisa de modo a melhorar o processo ensino/aprendizagem	26	2º
Sabe transmitir conhecimentos e em simultâneo está continuamente empenhado na sua actualização, isto é, na aquisição de novos saberes	45	2º
Ensina para aprender e aprende para ensinar porque ser professor hoje em dia é mais do que uma profissão é uma vocação, um dom que nasce dentro de cada um de nós	34	2º,3º e sec

Talvez, mesmo, porque tem consciência de que “nunca tem a pretensão de que sabe tudo (43 anos, 3º ciclo)

E porque ensina para aprender e aprende para ensinar o bom professor conhecedor/detentor do saber é, também, aquele que utiliza os conhecimentos que tem e que

vai adquirindo na sua busca incessante de formação no dia a dia. Por isto mesmo alguns dos nossos respondentes entendem que este aspecto – o dos métodos e práticas – se interliga profundamente com o conhecimento e o saber. Assim um bom professor conhecedor/detentor do saber aparece com preocupações evidentes pelos “métodos e as práticas” que desenvolve:

<b>Os métodos e as práticas</b>		
	<b>Idade</b>	<b>Ciclo</b>
Bom explicador	42	2º
Explica a matéria com rigor	40	Secundário
Explica bem com rigor	44	3º
Rigorous na leccionação das matérias	27	2º e 3º
Competente, ensina bem	33	3º
Utiliza rigor científico no processo ensino/aprendizagem	47	3º
Possui a sabedoria dos grandes mas é capaz de se colocar ao nível da sabedoria dos pequenos	50	3º
No processo de comunicação mostra a influência que a ciência a tecnologia têm sobre a vida quotidiana de todos	42	3º
Usando do maior rigor, da maior humildade consegue ensinar, dentro da sua área mais do que aquilo que aprendeu	36	3º e Secundário
Com os meios e recursos que tem ao seu dispor explica claramente as matérias	37	3º

Tendo em conta que o bom profissional não pode apenas deter o saber mas que tem ainda a função de o partilhar com os outros para que possa considerar-se como tal, alguns dos nossos respondentes distinguiram duas formas de partilha do saber que se enquadram em dois dos possíveis papéis que um bom professor pode desempenhar: um mais centrado no processo de ensinar, de transmitir conhecimentos - o de “transmissor de conhecimentos” (36 anos, 2º ciclo)- que “forma, enforma e informa os alunos” (36 anos, 2º, 3º ciclos e secundário) e outro mais centrado no processo de busca dos instrumentos de atitudes, comportamentos por parte dos alunos que permitem a aquisição do saber num futuro, que é um “facilitador de aprendizagem” (33anos, 3º ciclo), que “orienta, aponta, ajuda, investe nos próprios alunos,

partilha o conhecimento, desenvolve a capacidade de aprender” (35 anos, 2º ciclo)- o de educador.

De seguida transcreveremos algumas das expressões utilizadas pelos nossos respondentes na perspectiva do “transmissor”. Assim, para eles um bom professor conhecedor/detentor de saber que desempenha o papel de transmissor é aquele que:

<b>Transmissor</b>		
	<b>Idade</b>	<b>Ciclo</b>
Sabe transmitir os conhecimentos de forma clara e precisa aos alunos	35	2º
Conhece as matérias que dá e as transmite adequadamente aos alunos	28	3º
Tem conhecimentos sólidos da matéria que lecciona e consegue transmiti-los aos seus alunos de modo que eles os interiorizem e expliquem as competências adquiridas nas mais diversas situações	39	2º
Transmite aos alunos todos os conhecimentos e vivências com o maior sentido de justiça, compreensão, rigor e profissionalismo	30	3º e secundário
Metódico na transmissão de conhecimentos	39	2º

O bom profissional conhecedor/detentor do saber que desempenha o papel de educador é aquele que , no dizer de alguns dos nossos respondentes:

<b>Educador</b>		
	<b>Idade</b>	<b>Ciclo</b>
Explicita as actividades a realizar, objectivos e define critérios de êxito para que os alunos saibam à partida a sua avaliação aquando da realização das tarefas propostas	43	3º
Para além de uma formação académica adequada e de se preocupar com o transmitir conhecimentos se preocupa também com o formar pessoas	42	2º
Fornece com clareza as matérias técnico científicas e práticas aos alunos atendendo às suas diferenças, no sentido de lhes proporcionar uma maior autonomia	54	2º e 3º
Ensina ensinando a duvidar do que se ensina, transmitindo valores para o futuro que servirão de referência de forma construtiva	24	3º e sec
Gosto pela pesquisa	32	2º e 3º
Fornece o conhecimento e as ferramentas para os alunos se poderem desenvolver (capacidades e conhecimentos)	26	sec

Como vimos, a imagem que os professores nos transmitiram de um bom professor conhecedor/detentor passa pela competência no domínio do saber científico, pedagógico e didáctico, pelo facto de nunca deixar de procurar constante actualização em todos os campos, por ser capaz de comunicar de forma clara, rigorosa, precisa, de transmitir ou proporcionar o desenvolvimento de capacidades, competências de no futuro próximo ou longínquo buscar o saber, mesmo que possua escassos materiais para o fazer.

Abordaremos, agora a perspectiva do *professor – gosto de ensinar*.

Ser um bom professor capaz de ter uma boa relação afectiva com os alunos, ter proficiência nos aspectos profissionais é, desde logo, uma imagem bastante completa do que é ser professor. No entanto nada parece fazer sentido se a tudo isto não se juntar o prazer, o “empenho” (44 anos, secundário) de exercer a profissão.

Para um professor de 30 anos que lecciona o 3º ciclo “para além da competência científica, pedagógica é necessário gostar do que se faz”.

Outros professores que inquirimos dizem que o bom professor “ensina com o coração” (42 anos, 3º ciclo), “ama o seu trabalho” (29 anos, 2º ciclo), “trabalho por e com prazer” (33anos, 3º ciclo), “acorda todas as manhãs a sorrir pois vai fazer o que gosta” (47 anos, 2º ciclo).

E o gosto de ensinar é um factor importante para a construção da imagem de um bom profissional pois quem “gosta do que faz é capaz de mostrar aos alunos o prazer que tem em ensinar” (49 anos, 2º ciclo), é capaz de deixar “transparecer que tem gosto e dedicação em tudo o que faz, quer em termos profissionais, quer ao nível do desenvolvimento de competências pessoais e sociais” (30 anos, secundário) e de alguma forma este gosto de ensinar pode ser visto pelos alunos como um estímulo para procurar o saber, para aprender a aprender. Por isso a faceta que apresentamos de seguida se inscreve também na construção de uma imagem mais completa do que é ser bom professor.

Ser capaz de estimular, de cativar, de motivar os alunos para aprenderem é uma preocupação partilhada por vários dos nossos respondentes quando afirmam, por exemplo, que ser bom professor é ter a capacidade de “motivar os alunos” (35 anos, 2º ciclo), de “despertar interesse e motivação nos alunos” (47 anos, 2º ciclo), de dar-lhes “força para continuar quando pretendem desistir” (46 anos, 3º ciclo), usando o “incentivo para ser sempre melhor utilizando o elogio” (60 anos, secundário). Mas as preocupações dos nossos respondentes vão mesmo mais longe tal como podemos ver pela análise que a seguir apresentamos da faceta *professor – estimula / cativa*.

Assim para os professores que inquirimos não basta motivar, incentivar, estimular ou cativar em geral, um bom professor que estimula e cativa é aquele que em termos das matérias leccionadas consegue

“cativar os alunos para a matéria dada” (29 anos, 3º ciclo)

“manter os alunos motivados e interessados na aula” (50 anos, 2º ciclo);

“motivar os alunos para as tarefas” (53 anos, 2º ciclo);

“motivar os alunos para que eles gostem das aulas e aprendam o que lhes é transmitido sem sentir que é uma obrigação” (42 anos, 3º ciclo);

“despertar a curiosidade do aluno porque se o conseguir fazer regularmente, inevitavelmente os alunos terão sucesso” (41 anos, 2º ciclo);

“estimular a chegar mais longe os que são bons alunos” (43 anos, 3º ciclo);

“transmitir conhecimentos motivando-os para a aprendizagem” (39 anos, 3º ciclo);

“na sala de aula, despertar e prender a atenção dos alunos sobre as matérias que está a leccionar” (60 anos, secundário).

Esta preocupação com a relevância das matérias dadas e a motivação, o despertar do interesse do aluno para elas poderá ter a ver com o facto de uma das preocupações do bom

professor ser a de “ser responsável por si mas também por e com os outros” (39 anos, 2º ciclo), de desempenhar, também, o papel de avaliador de conhecimentos dos seus alunos e de se sentir responsável pelos resultados que estes obtém, portanto do seu sucesso escolar.

Para a obtenção do sucesso o bom professor que estimula e cativa procura fazê-lo através de práticas diversificadas com as quais é capaz de:

“fazer com que os Andes pareçam uma pequena duna ‘à beira mar erguida’! e que ao mesmo tempo leva à descoberta de que uma duna é composta por uma infinidade de grãos de areia” (36 anos, 2º ciclo);

“criar nas aulas um espaço de diálogo construtivo” (45 anos, 2º ciclo);

“utilizar estratégias diversificadas para incentivar os alunos” (29 anos, 2º ciclo);

“preparar bem as aulas adaptando os programas ao nível etário dos alunos” (54 anos, secundário).

Mas se o interesse e a motivação para as matérias leccionadas e a utilização de práticas estimulantes e cativantes são dos aspectos mais importantes para o sucesso escolar, na perspectiva dos professores não podemos deixar de relevar a preocupação que corresponde ao sucesso educativo e às expectativas que os professores têm de cumprir os objectivos definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo que apontam para a educação dos jovens como cidadãos autónomos, conscientes, responsáveis, tolerantes e solidários.

Assim um bom professor é aquele “mais do que [preocupar-se com] transmitir conhecimentos, proporciona a vontade de querer saber mais nos alunos e os ensina a ‘voar’ sozinhos” (41 anos, 2º ciclo), que “incute nos alunos o gosto pela descoberta e pela pesquisa” (27 anos, 2º ciclo), que os ajuda a “saber pensar” (49 anos, 3º ciclo).

Um bom professor que estimula e cativa, como diz um professor do ensino secundário, é aquele que “ensina os alunos a questionarem-se” (35 anos) ou que é capaz de despertar no

aluno “o gosto de aprender, suscita a curiosidade e fomenta a imaginação” (42 anos, 3º ciclo), preparando-os para “apreciar os desafios” (54 anos, 2º ciclo), e para “progressivamente serem autónomos e responsáveis dos seus progressos”. Isto vai no sentido do que assume um professor do 3º ciclo, para quem o papel do professor é o de “animador e observador” (42 anos) ou do que afirma um professor do 2º ciclo, para quem o bom professor desenvolve com os alunos “um trabalho que os mantém motivados para a aprendizagem, desenvolvendo a sua autonomia, o sentido crítico, dando-lhes competências para serem cidadãos conscientes no futuro” (43 anos). Enfim um bom professor que estimula e cativa aparece, ainda, como aquele que “desperta nos alunos a vontade de aprender, ajuda-os a crescer e a tornarem-se cidadãos, autónomos, responsáveis e solidários (49 anos, 2º ciclo) que no futuro terão o estímulo para aprenderem a aprender e para estarem abertos à “aprendizagem ao longo da vida” (50 anos, 2º ciclo)

Este despertar da vontade de aprender ao longo da vida faz-se não só através de estímulos, de motivação, da utilização de métodos de ensino “adaptados às necessidades, características e interesses dos alunos” (56 anos, 2º ciclo) mas também porque o bom professor é o *professor - que equilibra interesse e prazer*.

E equilibra interesse e prazer porque “partindo dos interesses dos alunos, consegue relacioná-los com os conteúdos da sua disciplina” (32 anos, 3º ciclo), é “criativo na apresentação da matéria” (36 anos, 3º ciclo), é capaz de ser divertido e exigente conforme a situação o exige” (47 anos, 3º ciclo), conseguindo que os alunos se “esqueçam que lá fora é melhor” (24 anos, 3º ciclo).

Tendo analisado os resultados que obtivemos da categoria aspectos profissionais podemos retomar de alguma forma o que dissemos no momento em que anunciamos que iremos apresentar a análise das repostas dos nossos inquiridos sobre esta matéria.

Abordaremos, agora, os **aspectos comportamentais profissionais** que relevam das interações, dos comportamentos que decorrem das relações que professores e alunos desenvolvem diariamente.

Para proceder à análise das respostas obtidas, tal como o fizemos para as respostas dos alunos, subdividimos este aspecto nas facetas justiça, equidade e exercício da autoridade<sup>9</sup>

Começaremos então por analisar as respostas obtidas que respeitam à faceta *professor – justo*.

Esta é uma faceta que decorre do facto de os professores desempenharem o papel de avaliador, avaliador de programas, de materiais e de alunos. Assim um conjunto considerável de respondentes afirma que um bom professor é aquele que é justo. Para outros, o bom professor deve ser “justo e aprender todos os dias” (43 anos, 3º ciclo), aprender para ser capaz de “avaliar o seu trabalho” (48 anos, 2º ciclo), o que também supõe que o bom professor se “preocupa em preparar aulas que estejam de acordo com as necessidades dos alunos e que são adequadas ao contexto sociocultural em que se encontra” (29 anos, 2º ciclo), que “trata os alunos com interesse e com justiça” (36 anos, 3º ciclo) ou que tenha consciência de que “é preciso saber dar para poder pedir” (40 anos, 3º ciclo).

Mas à ideia do professor justo deve aliar-se, também, a perspectiva do *professor – equitativo*.

Para alguns dos professores que inquirimos o bom professor “trata os alunos por igual sem qualquer discriminação social” (45 anos, 2º ciclo). E há mesmo um professor que diz que os aspectos comportamentais profissionais e os aspectos afectivos são igualmente importantes pois um bom professor é aquele que “gosta dos seus alunos independentemente das suas dificuldades e/ou problemas” (39 anos, 2º ciclo).

---

<sup>9</sup> Como referem Waller (1932, 1993), Blin (2001); Dumont (2000), Harden e Crosby (2000,) estas facetas são aspectos importantes na construção da imagem de um profissional professor.

O terceiro e último aspecto ou faceta dos comportamentos profissionais de que nos servimos na análise das respostas obtidas é o que se relaciona com o exercício da autoridade.

Alguns dos nossos respondentes referem a faceta *professor – exercício de autoridade* como uma das que contribui para a construção da imagem que têm de um bom professor.

Essa faceta desdobra-se em dois aspectos particulares. Um que é o que respeita à disciplina; o bom professor será o que:

Impõe respeito (28 anos, 2º ciclo)

Respeita e faz respeitar as habituais normas de conduta e convivência entre pessoas” (28 anos, 3º ciclo)

Mantém a disciplina (39 anos, 2º ciclo) e

Não sendo arrogante sabe impor-se (36 anos, 3º ciclo).

O outro aspecto que os nossos respondentes, de forma expressiva, ligaram ao exercício de autoridade é o que respeita ao facto de o bom professor ser exigente. Exigente “no cumprimento das obrigações” (40 anos, 3º ciclo), “cumpridor e rigoroso” (57 anos, secundário), privilegiando “a exigência e não os resultados” (39 anos, 2º ciclo).

Por último e tendo em conta o que os professores que inquirimos nos disseram, consideramos que expressaram uma opinião idealizada em relação à representação que têm do que é ser bom professor. Para os nossos respondentes um bom professor é enfim aquele que tem um conjunto de qualidades que o definem como uma pessoa atenta, amiga, empática, profissional preocupado com o sucesso escolar e educativo dos seus alunos, detentor do saber, conhecedor, capaz de estimular, de cativar, de ter em conta os interesses dos alunos por forma a equilibrar interesse com prazer, é alguém que é justo, exigente, que não discrimina os seus alunos e que exerce a sua autoridade de forma equilibrada mas segura. Enfim tal como uma

professora do ensino secundário de 27 anos diz: “Um bom professor é alguém que engloba, em si, três qualidades indispensáveis ao bom professor: saber, saber fazer e saber ser. “